



**Inquérito NOVA FCSH**

**Outubro 2019**

## Agradecimentos

A elaboração do presente Inquérito foi possível devido o apoio de 8 dos 16 centros de investigação que fazem parte da NOVA FCSH. Assim sendo, a equipe do Laboratório de Humanidades Digitais agradece a todos os diretores dos respetivos centros que apoiaram e contribuíram para a efetivação desse inquérito bem como aos investigadores que participaram respondendo as questões.

Deste modo, o Laboratório de Humanidades Digitais agradece aos Diretores e respetivos investigadores das seguintes Unidades de Investigação:

- Instituto de História Contemporânea (IHC);
- Instituto de História Medieval (IEM);
- Centro de Humanidades (CHAM);
- Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL);
- Instituto de História da Arte (IHA);
- Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT);
- Centro de Estudos Ingleses de Tradução e Anglo-portugueses (CETAPS);
- Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana (LABOH) do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA).

## **Equipe de Execução**

### **Coordenação**

Daniel Alves

### **Investigadores**

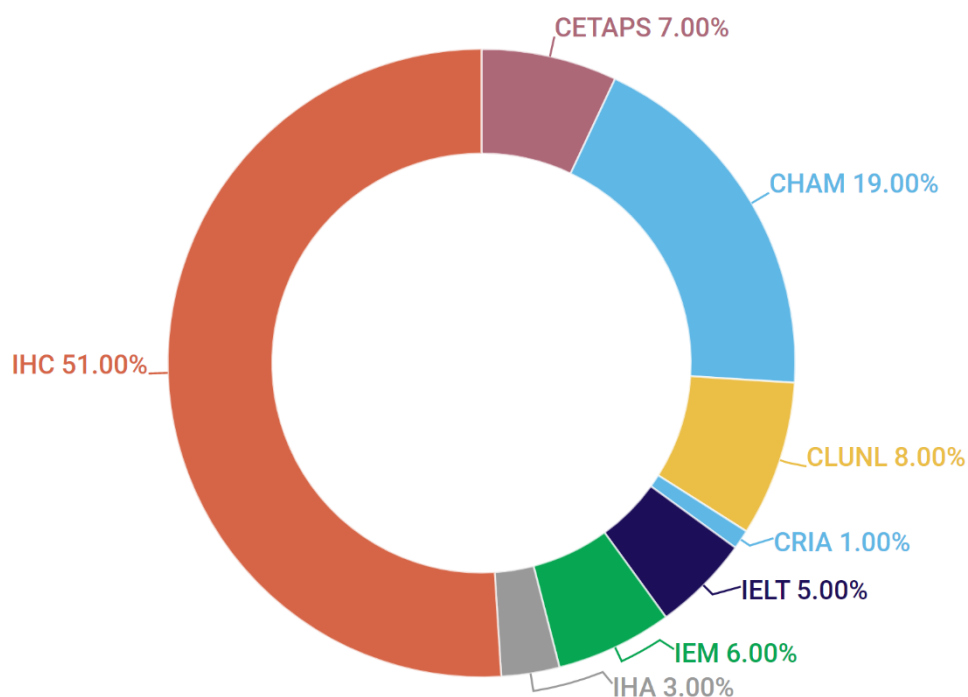
Ivo Veiga

Danielle Sanches

Ângela Pité

O inquérito foi realizado com os **investigadores dos 8 Centros de Investigação da FCSH**, em Outubro de 2019. O principal objetivo foi procurar não apenas caracterizar as suas competências digitais, mas também identificar quais ferramentas digitais os mesmos consideram mais relevantes para o seu trabalho presente e futuro. Nesse sentido, estes resultados poderão ajudar a construir a estratégia científica e a oferta de formação do Laboratório de Humanidades Digitais.

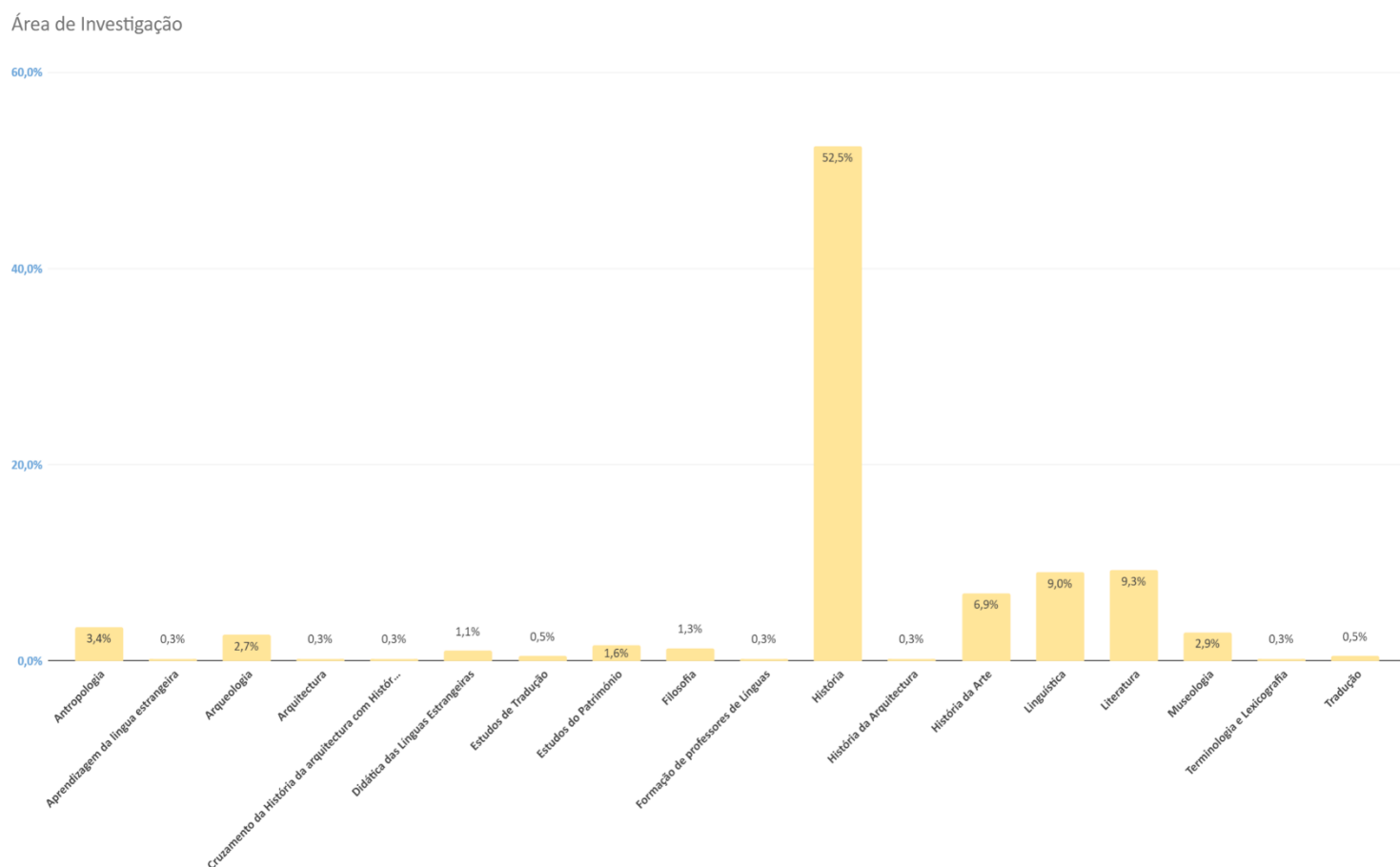
**Gráfico 1 – Qual seu Centro de Investigação?**



Contou-se **377 investigadores que responderam ao inquérito realizado pelo Laboratório de Humanidades Digitais**. Esse número representa aproximadamente **20% de todos os investigadores dos diversos centros da FCSH**. Ao longo das respostas concedidas, notou-se que fatores como a “Idade” não influencia o uso dos materiais e fontes digitais, nem indica qualquer relação significativa com interesse e conhecimento da área.

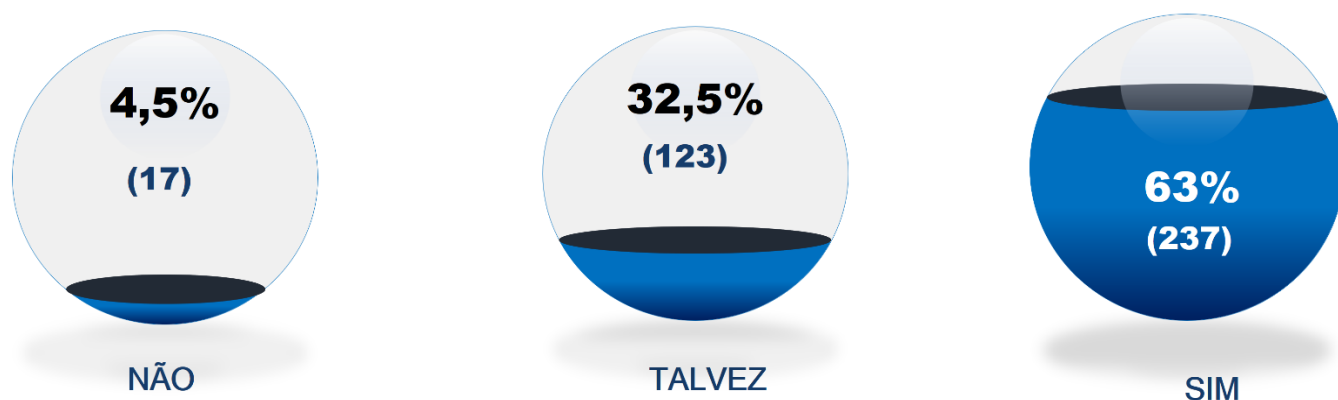
Não foi feita análise por grupos de investigação, por forma a não condicionar novos cruzamentos disciplinares, procurou-se perceber como se distribui o número de investigadores por área de investigação. Em primeiro lugar, **198 investigadores (correspondente a 52,5%) desenvolvem a sua investigação na área da História**. Nas outras **27 áreas destaca-se a Literatura e a Linguística com respetivamente 9,3% e 9,0%** dos investigadores respondentes. Os restantes **110 investigadores distribuem-se por outras 24 subáreas**.

## Gráfico 2 – Qual sua área de Investigação?



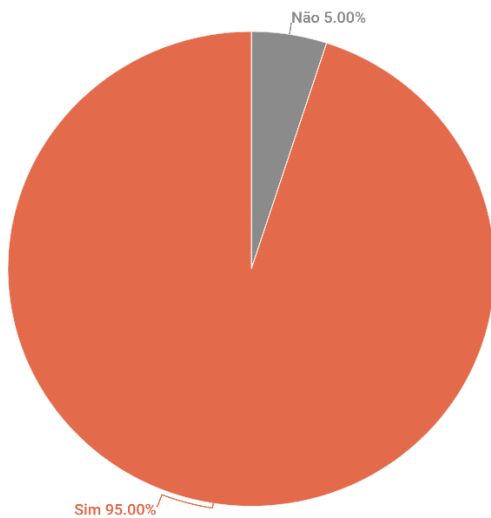
Para mais, uma parte muito expressiva dos investigadores quer ter apoio **(63%)** do Laboratório para desenvolver uma perspectiva de humanidades digitais nos seus projecto ou pelo menos encara essa possibilidade **(32,5%)**. Ou seja, é de esperar que o fortalecimento do Laboratório represente uma mais-valia para a submissão de projecto individuais ou coletivos, quer nacional quer internacionalmente.

## Gráfico 3 - Gostaria de ter apoio do Laboratório de Humanidades Digitais para implementar uma perspectiva de Humanidades Digitais no(s) seu(s) projecto(s) de investigação?

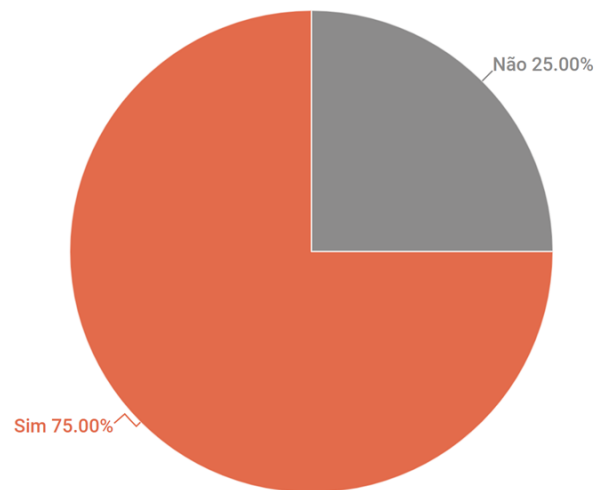


Este interesse parece, de resto, residir numa familiaridade com o **uso de ferramentas digitais (Gráfico 4)** – 95% dos inquiridos afirma usar as mesmas no seu trabalho de investigação. E isto num contexto em que **75% destes investigadores já participaram em projectos nos quais as ferramentas digitais foram empregues** e **38,3% utiliza fontes digitais de uma forma regular**.

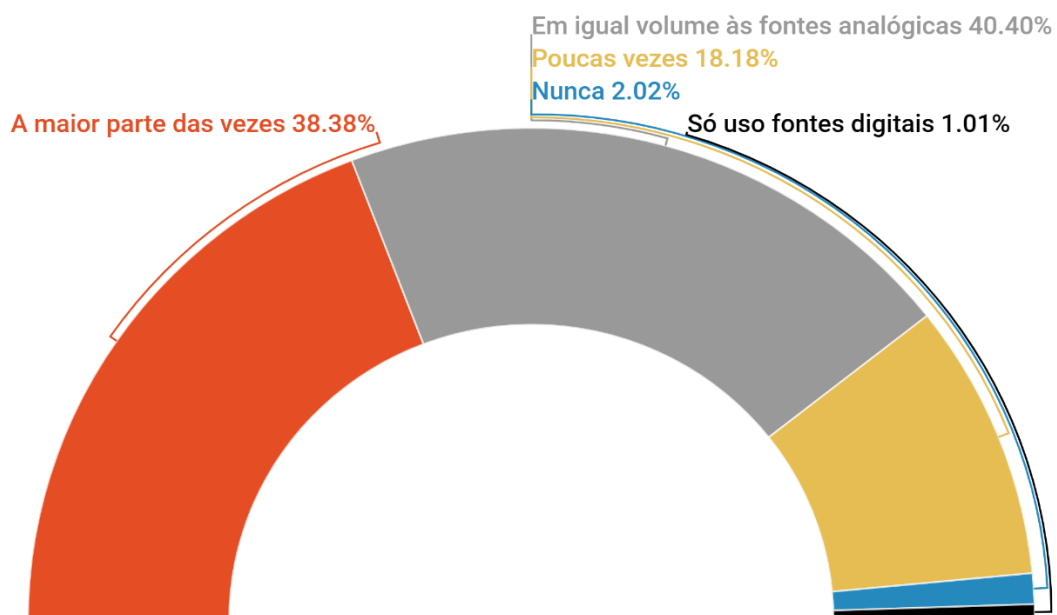
**Gráfico 4 - Usou ou usa alguma ferramenta digital no seu trabalho de investigação?**



**Gráfico 5 - Participou em algum projecto no qual eram usadas ferramentas digitais?**

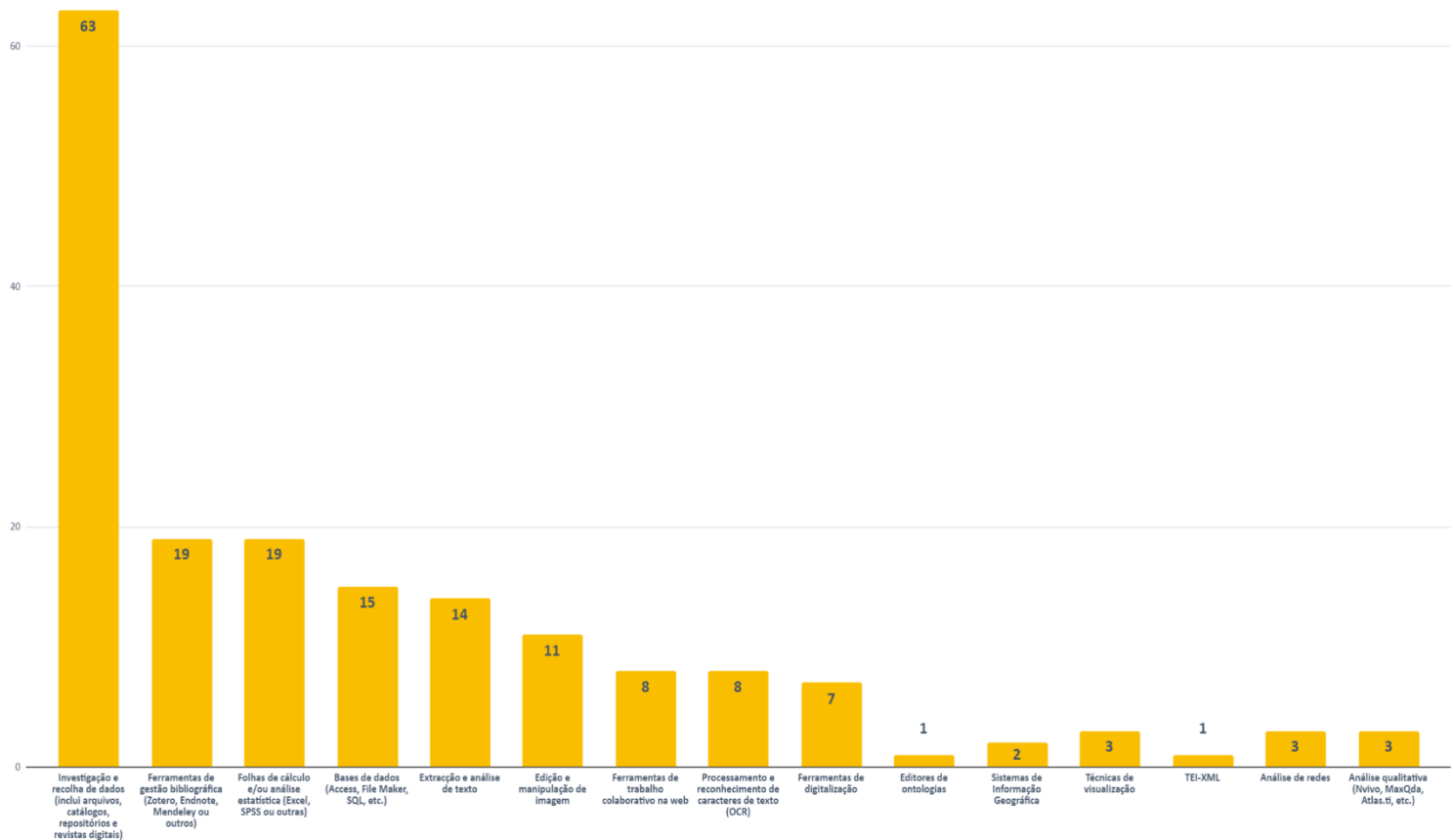


**Gráfico 6 - Usa materiais/fontes digitais/digitalizadas no seu trabalho?**



A investigação e recolha de dados (IRD) – que inclui arquivos, catálogos, repositórios e revistas digitais – destaca-se como uma das ferramentas digitais já utilizadas pelos inquiridos, a que se seguem as ferramentas de digitalização (FD), as folhas de cálculo e/ou análise estatística (FCAE), edição e manipulação de imagem (EMI) e bases de dados (BD).

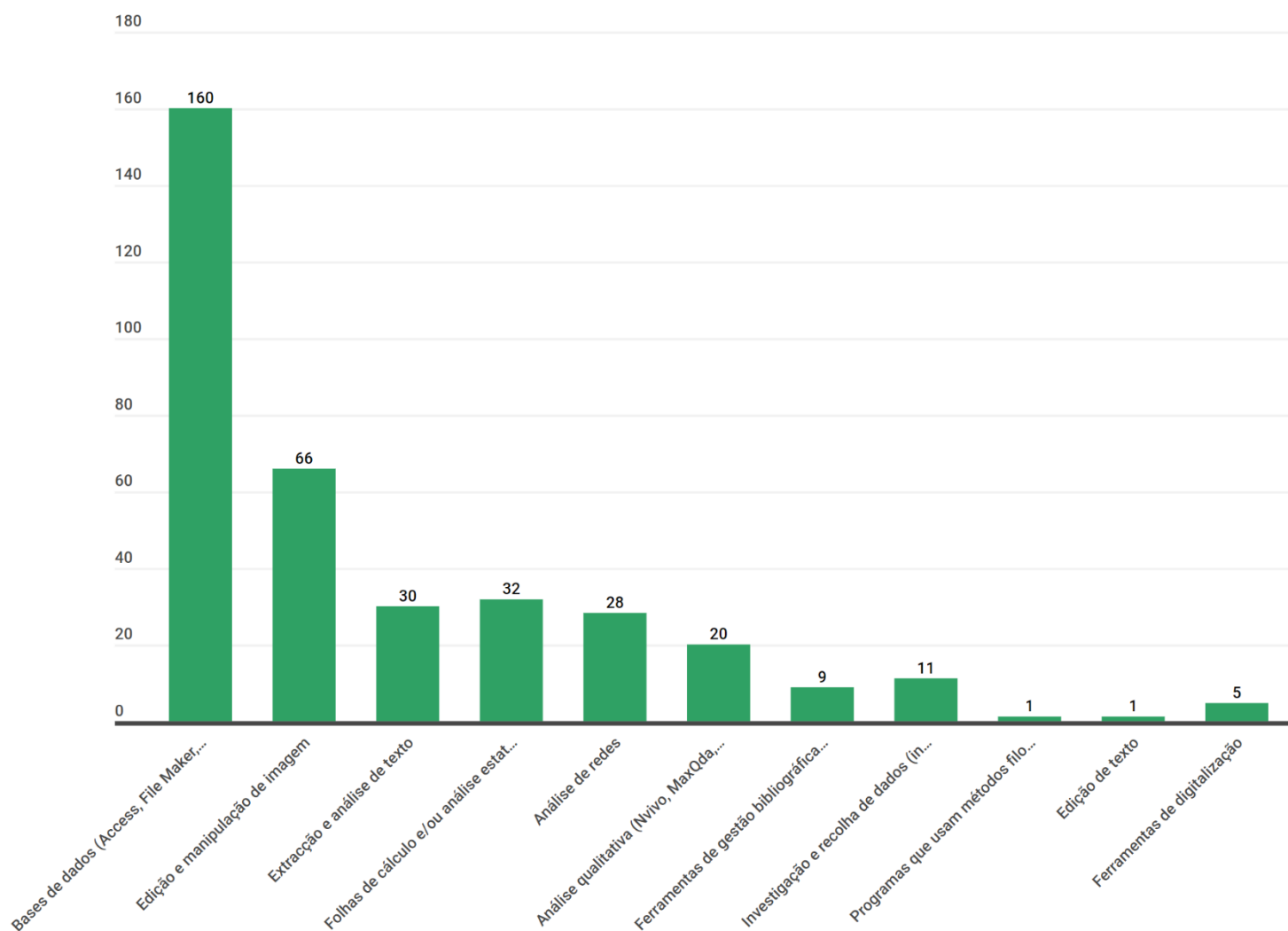
**Gráfico 7 – Indique Método/ferramenta que usa com maior frequência? \***



Nota: \* Para a tabulação dos dados levou-se em conta apenas a primeira opção marcada pelos respondentes. Deve-se chamar atenção de que alguns investigadores escolheram mais de uma opção no que se refere ao método mais usado.

À exceção da análise estatística (que sugerimos que seja separada das folhas de cálculo no próximo inquérito), percebemos que, genericamente, a experiência com ferramentas analíticas, sejam exploratórias ou mais formais, é mais limitada como bem demonstra o número de investigadores que usam sistemas de informação geográfica (SIG), extração e análise de texto (EAT), análise de redes sociais (AR) ou análise qualitativa (AQ).

**Gráfico 8 – Indique a ferramenta ou métodos mais usados? \***

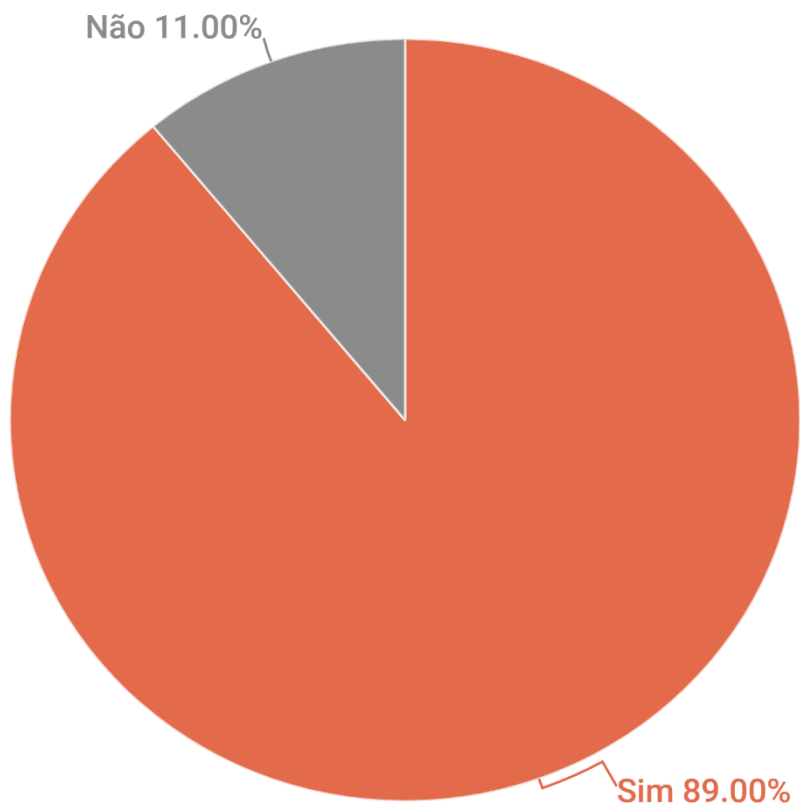


Nota: \* Para a tabulação dos dados levou-se em conta apenas a primeira opção marcada pelos respondentes. Deve-se chamar atenção de que alguns investigadores escolheram mais de uma opção no que se refere ao método mais usado.

Talvez esta menor experiência em métodos analíticos ajude a explicar o maior interesse pelos mesmos na pergunta sobre o modo como gostariam de ter formação em ferramentas digitais (Gráfico 9). **Verifica-se que a grande maioria dos respondentes (89%) afirmaram desejar ter formação em ferramentas digitais para potencializar o seu trabalho de investigação.**

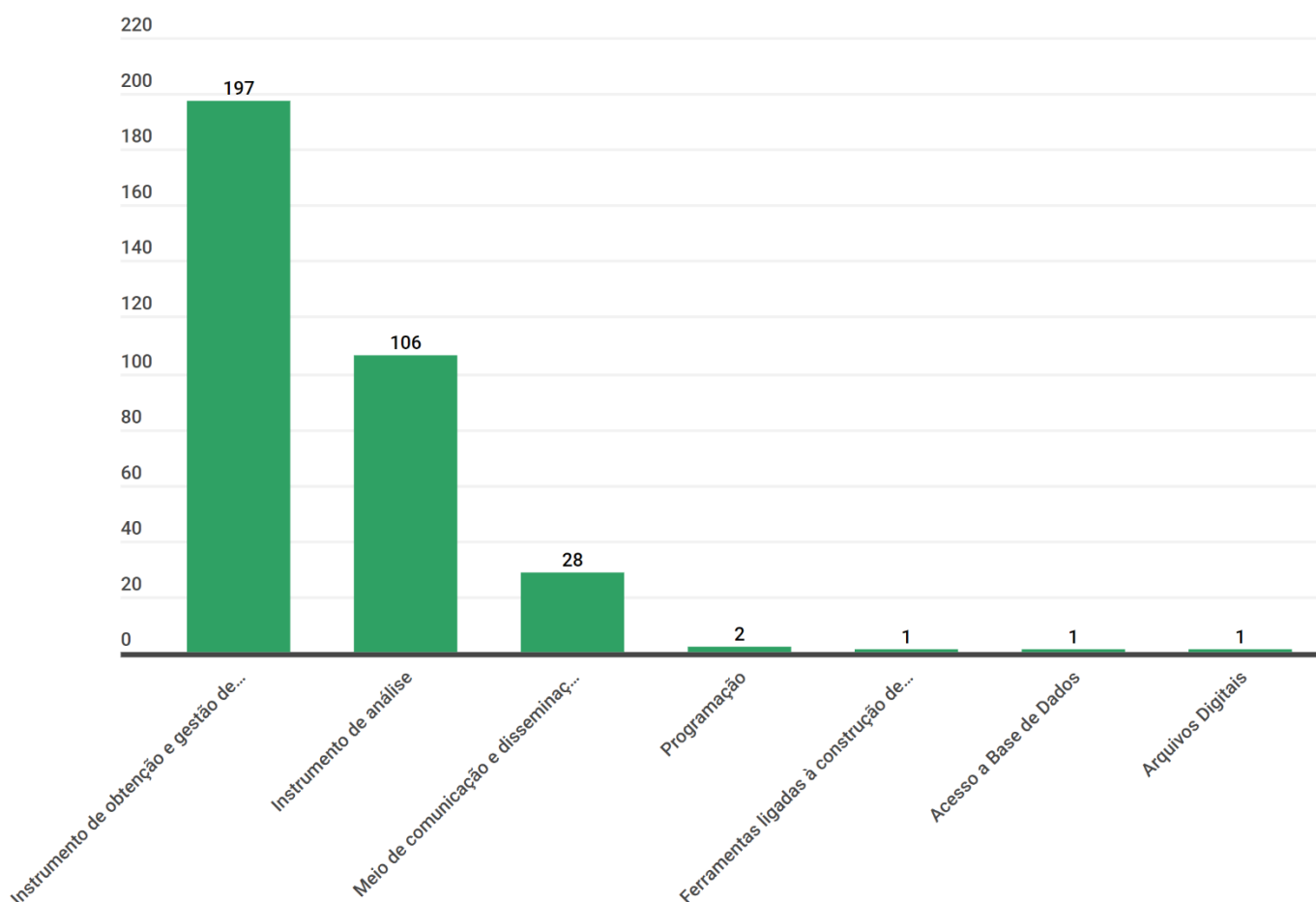


**Gráfico 9 - Gostaria de ter formação em ferramentas digitais que possam potencializar o seu trabalho de investigação?**



A resposta mais expressiva foi precisamente de obtenção e gestão de fontes e bibliografia (197 respondentes), seguida pelo interesse em instrumentos de análise (160 respondentes). O interesse pelos meios de comunicação e disseminação de resultados (28 respondentes) deve ter também especial atenção por parte do Laboratório.

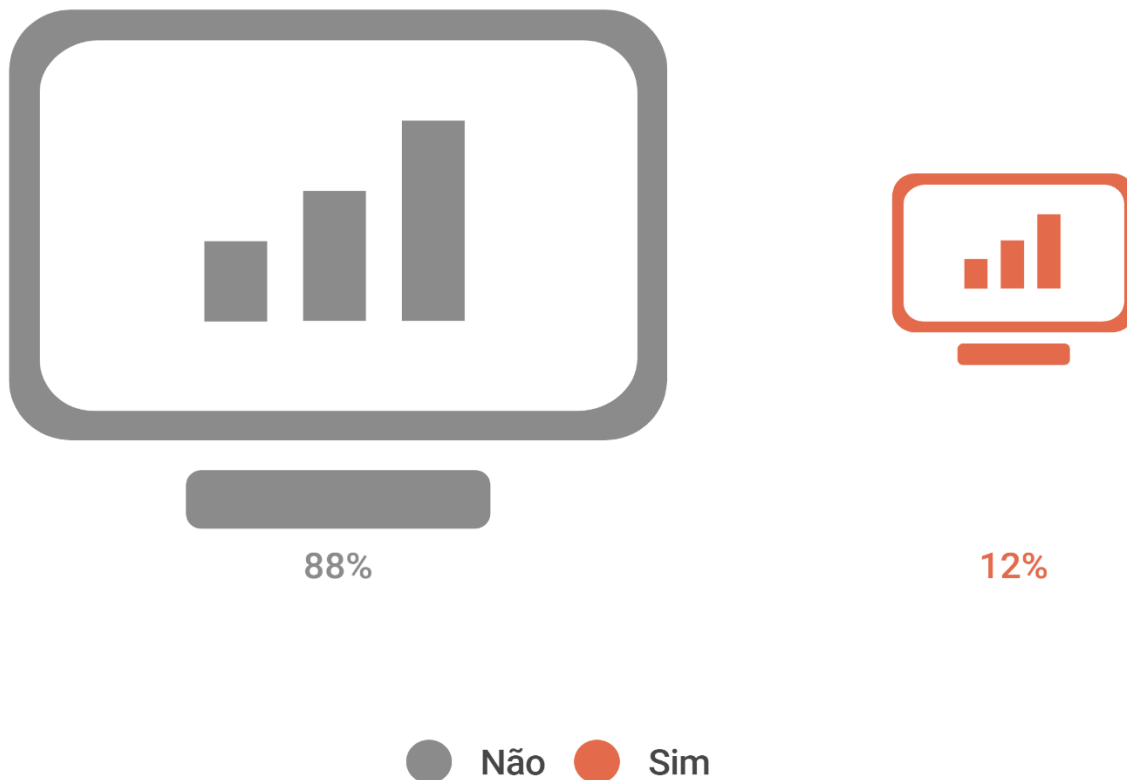
**Gráfico 10 - Se respondeu afirmativamente à questão anterior indique a(s) forma(s) como gostaria de usar as ferramentas digitais:**



Considerando os resultados, é expectável que a oferta da formação tenha alguma adesão – afinal, 89% responderam positivamente sobre a possibilidade de ter formação em ferramentas digitais. É possível que os investigadores pretendam para já uma formação de carácter introdutório, sendo que uma formação com maior complexidade técnica e maior investimento poderá ser tida em conta numa estratégia de médio e longo prazo.

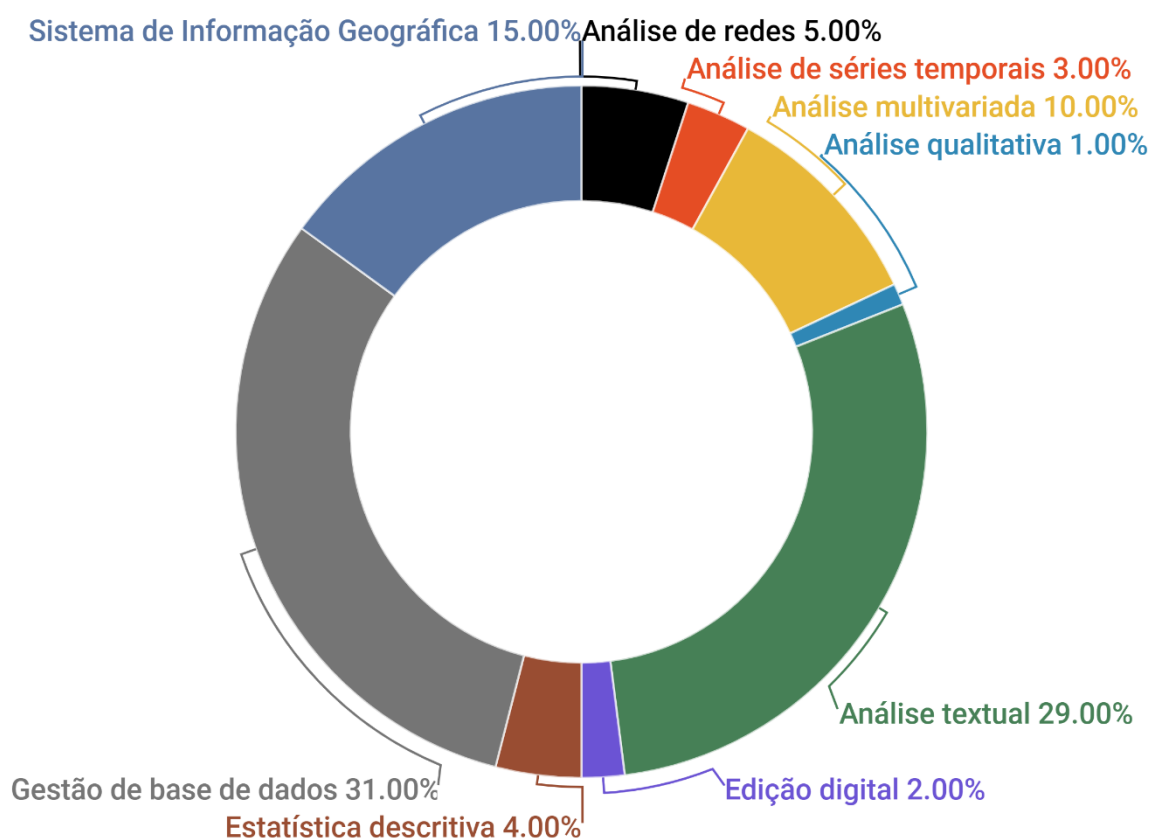
Efectivamente, o número de investigadores que usa ou usou alguma linguagem de programação é pouco significativo (12%). Se isso se traduzirá numa maior procura no médio e longo prazo apenas poderá ser respondido num novo inquérito (talvez seja útil incluir esta pergunta no próximo).

Gráfico 11 - Usou ou usa alguma linguagem de programação (R, Python, Java, etc)?



**Quais são então os métodos que suscitam maior interesse aos investigadores da NOVA FCSH?** Em primeiro lugar a aparece a gestão de bases de dados (31%), surgindo em seguida a análise textual (29%), sistemas de informação geográfica (15%) e ainda mais atrás a análise multivariada (10%).

**Gráfico 12 - Qual dos seguintes métodos vê com mais interesse para aplicar na sua área de investigação?**



### **Considerações finais**

Importa assinalar que o interesse demonstrado para que o Laboratório de Humanidades Digitais apoie a implementação de projectos com uma perspectiva digital não se confina a nenhuma área do conhecimento em particular, embora se assinale uma maior incidência na História uma vez que a maior parte dos investigadores desenvolve aqui a sua investigação (Gráfico 2). Assim, e também convocando os dados apresentados nos Gráficos 1 e 3, cremos que a oferta de formação tem potencial para a larga maioria dos investigadores inquiridos e não se deverá focar em segmentos particulares dos mesmos – nem por idade ou área disciplinar.

Tal não significa que não se devam fazer escolhas sobre os métodos que merecem uma maior aposta. Primeiro porque o investimento em alguns métodos permite justificar, e ao mesmo tempo amplificar, a aposta na transversalidade do próprio Laboratório de Humanidades Digitais. Se somarmos as respostas “talvez” e “sim” referentes à questão sobre o interesse no apoio de uma abordagem digital em projectos facilmente constatamos que a gestão de bases de dados, sistemas de informação geográfica e análise textual, cobrem uma parte considerável das diversas subáreas temáticas. Mas estes resultados não devem esgotar e limitar a amplitude formativa e inovadora do Laboratório. Se é importante ter em consideração as competências dos

investigadores e os seus interesses mais prementes, é não menos verdade que isso não indica necessariamente as tendências da investigação e práticas da área.

Isto é, parte destes resultados não suportam necessariamente as opções mais relevantes que a direção do Laboratório de Humanidades Digitais pode tomar. De facto, considerando o resultado do mapeamento anteriormente efectuado algumas áreas merecem consideração não só porque reflectem tendências internacionais, e das quais podem resultar parcerias ganhadoras no âmbito de projectos internacionais, como também o conhecimento acumulado por parte de alguns investigadores da NOVA FCSH que têm tido sucesso a aplicar algumas destas ferramentas. Por outras palavras, os resultados do inquérito não devem condicionar as opções finais a tomar em relação ao rumo do Laboratório - estes resultados revelam o “mercado interno”, condicionado pelas necessidades e pelo conhecimento mais pontual dos investigadores sobre a área, mas não avaliam parcerias e a inserção do Laboratório em Redes Internacionais. Para dar um exemplo, há uma apetência dos investigadores para a gestão de bases de dados, mas esta não será necessariamente uma área prioritária nos concursos internacionais.